

## **A ÁFRICA DE LÍNGUA ESPANHOLA: MAIS DO QUE UMA REALIDADE, UMA EMERGÊNCIA**

Amarino Oliveira de Queiroz  
Departamento de Ciências Sociais e Humanas – CERES - UFRN

### **RESUMO:**

Entre os quatro idiomas europeus adotados como línguas oficiais na África independente, é precisamente o Espanhol aquele que configura o conjunto mais invisibilizado de todos. Tal situação pode ser avaliada tanto a partir da investigação lingüística como através dos estudos formais desenvolvidos acerca de suas manifestações literárias, praticamente desconhecidas. A quase nenhuma referência a estas expressões nos manuais e outros materiais didáticos, sobretudo aqui no Brasil, inibe sua difusão e a conseqüente inclusão entre os conteúdos oferecidos pelas disciplinas da área de Letras. Esta comunicação pretende entabular uma breve discussão temática sobre a situação, apresentando alguns textos de autores representativos das referidas manifestações.

Palavras-chave: África hispanófono, literaturas hispânicas, literaturas africanas.

O caráter expansionista que o idioma castelhano vem apresentando na contemporaneidade de há muito está a exigir estudos que ilustrem essa dinâmica, redimensionando e aprofundando um olhar investigativo na direção de sua pluralidade e multifacetação, ao contrário do que ainda prevalece a nível formal, tanto em termos institucionais quanto mercadológicos, se tomarmos em consideração os componentes curriculares vigentes ou os materiais didáticos que circulam no Brasil. Apesar de figurar como uma das línguas oficiais da União Africana - UA juntamente com o árabe, o suaíle, o francês, o inglês e o português, os registros acadêmicos sobre a presença do castelhano na África, por exemplo, representam um conjunto ainda pouco explorado em nosso meio, sobretudo no que se refere à sua situação lingüística atual e à sua expressão literária. Este dado se contrapõe à crescente presença do idioma através do mundo inteiro e à sua franca expansão em termos de realidade lingüística ocidental, onde passou a ocupar, como se sabe, um posto superado numericamente apenas pelo idioma inglês. Além de gozar do status de língua oficial em outros organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas - ONU, a Organização dos Estados Americanos - OEA, a União Européia - UE e o Mercado Comum do Sul - Mercosul, o castelhano apresenta a seguinte distribuição mundial:

- a) Na Europa, é idioma oficial e majoritário na Espanha e língua veicular em Andorra, aparecendo ainda no sistema educativo daquele principado;
- b) Nas Américas do Norte, Central e do Sul aparece na condição de oficial, co-oficial ou majoritário em pelo menos dezenove países. Amplamente utilizado dentro dos

Estados Unidos, figura como oficial no Novo México e em zonas fronteiriças ao México, comparecendo também como língua veicular na educação em algumas áreas da Califórnia. Destaque-se ainda a existência de crioulos dele derivados e o fenômeno conhecido por *spanglish*, ou *espanGLISH*; <sup>1</sup>

- c) Na Ásia, presente como idioma co-oficial nas Filipinas até o ano de 1987, prepara-se para retomar esta condição ao lado do tagalo e do inglês, muito embora tenha resistido como importante língua de literatura até os nossos dias. Em certas regiões do arquipélago têm destaque alguns crioulos de base espanhola como o *chabacano*, bastante utilizado até hoje. Já em Israel merece referência o *ladino*, *español serfadita* ou *djudeo-espanyol*, derivado do castelhano medieval e cultivado pelos judeus expulsos da Espanha no final do século XV, também com literatura própria;
- d) Na Oceania, é oficial na Ilha de Páscoa, território controlado pelo Chile, onde convive com o autóctone *rapanui*, ou *pascuense*. Merece referência a presença da língua espanhola no idioma *chamorro*, utilizado como co-oficial em Guam. Componente do arquipélago das Marianas, esta ilha constitui um antigo território colonial espanhol na Micronésia, atualmente sob controle político e administrativo dos Estados Unidos; <sup>2</sup>
- e) Na África, é oficial nas colônias espanholas de Ceuta, Melilla e Canárias e na Guiné Equatorial. É co-oficial no Saara Ocidental e bastante usual no norte do Marrocos como língua de comunicação, de ensino e de literatura. No norte marroquino aparece também o *jaquetía*, que à semelhança do *ladino* falado em Israel, nos Bálcãs, na Grécia, na Turquia e na Bósnia Herzegovina, é cultivado no seio das comunidades judaicas sefardim. <sup>3</sup>

Na África, contudo, dentre os idiomas herdados da experiência colonial européia e adotados como oficiais pelas antigas colônias a partir da deflagração de suas independências, o espanhol representa em termos quantitativos o montante menos expressivo, superado que está pelo francês, pelo inglês e pelo português. Ou seja, sua distribuição é mais marcada apenas na região setentrional do continente. Isto justificaria em parte a escassez e a invisibilidade por que vêm passando os estudos lingüísticos e literários dedicados ao tema, notadamente se tomamos como parâmetro comparativo os trabalhos desenvolvidos em relação à América hispânica, por exemplo. Diante deste quadro, faz-se necessário realizar um breve apanhado histórico-geográfico sobre a distribuição dos idiomas europeus no continente, recortando, dentro da experiência colonial ibérica, os percursos dos idiomas português e espanhol.

Sucedendo-se à presença árabe, diversas expedições francesas, inglesas, portuguesas, alemãs, espanholas e belgas protagonizaram a invasão, a ocupação e a exploração do território africano para desenvolverem diferenciadas ações colonizadoras.

---

<sup>1</sup> Língua de contato formada a partir da mescla entre o castelhano e o inglês. Vem avançando significativamente nos Estados Unidos, tendo gerado expressivas manifestações literárias e artísticas como as culturas *nyorican* e *tex mex*.

<sup>2</sup> Idioma misto, de base malaio-polinésia e hispânica. Apresenta, em sua estrutura gramatical, numerosos elementos de origem espanhola, tais como artigos, preposições, numerais, conjunções e verbos.

<sup>3</sup> O *jaquetía* é uma variedade lingüística igualmente originada do castelhano medieval. Conhecido também como *jaquitia* ou *haquetía*, assimilou vocábulos procedentes do árabe e do hebraico.

Com o estabelecimento da chamada Conferência de Berlim, entre os anos de 1854 e 1855, estabeleceu-se um “disciplinamento” dessa ocupação, atendendo a um jogo cujas regras foram, evidentemente, ditadas em favor dos interesses metropolitanos. Modernamente, e para efeito didático, uma das caracterizações geográficas do mapa político africano compreende o conjunto representado pelas cinco macrorregiões que descreveremos a seguir, destacando nelas a presença das duas línguas ibéricas em questão:

- a) A África do Norte, localizada entre o oceano Atlântico, o mar Mediterrâneo, o mar Vermelho e o deserto do Saara. Abriga os chamados países do Magreb, ou seja, o Marrocos, a Tunísia e a Argélia, de características culturais arábicas bastante acentuadas, além da Líbia e do Egito. O idioma predominante é o árabe, secundado por outras línguas como o berbere, o francês e, em algumas áreas do atual Marrocos e do Saara Ocidental, pelo espanhol. Por essa marca particular, envolvendo motivações de ordem natural, antropológica, sócio-histórica, política, econômica, cultural, religiosa, lingüística, etc, a África do Norte, ou África arábica, costuma ser analisada como um bloco destacado das outras quatro macrorregiões do continente. Juntas, estas últimas integram o grupo descrito na seqüência, ao qual se convencionou identificar como África sub-saariana ou África negra.
- b) A África Ocidental, também bastante islamizada, circunscrita à zona que se limita pelos desertos do Saara e da Líbia, avizinhandose à região das florestas tropicais. Pese à oficialidade lingüística do francês e do inglês, ocorre também a predominância de uma infinidade de idiomas autóctones. Registram-se, no entanto, duas áreas oficialmente lusófonas: as atuais repúblicas da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, onde o português convive com línguas locais, e o hispanizado arquipélago das Canárias. Cabe destacar ainda a região de Casamansa, localizada entre o sul do Senegal e a Gâmbia: colônia portuguesa até o final do século XIX, foi cedida por tratado à França e atualmente reivindica independência política. Nela sobrevive expressiva comunidade falante de uma forma crioula de português, bastante assemelhada à língua *kriol* da vizinha Guiné-Bissau;
- c) A África Central, recortada parcialmente dos Camarões até a região dos Grandes Lagos. Seu território, em grande parte oficialmente francófono, engloba áreas do Chade, dos Camarões, do Sudão, do Congo e ainda dois espaços de colonização ibérica: o primeiro deles é a hispano-falante Guiné Equatorial, lugar onde também ocorre o anobonês, crioulo de base portuguesa da ilha de Ano Bom; o segundo dos núcleos coloniais ibéricos é o arquipélago atlântico de São Tomé e Príncipe, localizado no golfo da Guiné e integrante do chamado universo lusófono. Nestas duas últimas ilhas, diga-se de passagem, ainda que circule em caráter predominante, o português divide espaço com pelo menos quatro línguas crioulas dele derivadas;
- d) A África Oriental, localizada a leste e abaixo do planalto da Etiópia, incluindo a região dos lagos Vitória e Tanganica, compreende parte do Sudão, a Somália, a Etiópia, a Eritreia e mais alguns países como o Quênia, o Ruanda, o Burundi, o Djibuti, Uganda e a Tanzânia, estendendo-se até Madagascar e outras ilhas do oceano Índico: Comores, Reunião, Seychelles e Maurício; e, finalmente,

- e) A África Austral, ocupando, como a própria denominação indica, o extremo meridional do continente, entre os oceanos Atlântico e Índico. Espaço onde floresceram as culturas dos chamados povos bantos, esta macrorregião reúne as atuais áreas territoriais do Congo, Zâmbia, Malawi, Zimbábue, Botsuana, Namíbia, Lesoto, Suazilândia, África do Sul e a dos dois maiores países oficialmente luso-falantes da África: Angola e Moçambique, embora também aí a língua portuguesa conviva com uma grande variedade de idiomas vernáculos. Sob controle angolano desde 1975, mas reivindicando sua autonomia política, merece referência o enclave oficialmente lusófono de Cabinda, localizado em pleno território da República do Congo. Capitaneada por uma organização política intitulada Forças de Libertação do Estado de Cabinda - FLEC, que também adota a língua portuguesa, a ainda não reconhecida república homônima mantém um governo baseado no exílio, na França.

Referência grega para península, o vocábulo *Iberia* designava originalmente o amplo território limitado pelo oceano Atlântico e o mar Mediterrâneo ao sul do continente europeu. Por outro lado, de acordo com algumas teorias levantadas em torno da etimologia do termo *Hispania*, acredita-se que sua origem pode estar relacionada com a referência feita pelos fenícios à “terra de coelhos”, numa alusão direta a uma das espécies do animal que, àquela época, abundava na região. Adotado pelos colonizadores romanos, passou a referir o que costumamos identificar politicamente com o Estado espanhol, muito embora não devamos esquecer que “Hispania” remete a toda a península ibérica e não apenas a essa unidade territorial que hoje conhecemos como Espanha” (CORDIVIOLA, 2005:12), da mesma forma como o termo ibérico, acrescentemos, sinaliza referências culturais múltiplas, como as da civilização árabe, por exemplo. Reportando-nos à presença dos dois idiomas ibéricos no mapa lingüístico africano atual, conclui-se que também em termos oficiais o espanhol aparece em desvantagem se comparado ao idioma português. Verifiquemos, então, algumas especificidades da presença lingüística castelhana no continente a partir de sua distribuição geográfica.

A presença do castelhana na África está historicamente vinculada à experiência colonial espanhola nos territórios do Marrocos, das Canárias, do deserto do Saara e do golfo da Guiné, numa investida que remonta ao final do século XV e que se apoiou tanto na deflagração de conflitos armados como na assinatura de tratados internacionais. A penetração a partir do Marrocos verificou-se ainda em 1497, com a tomada de Melilla, estendendo-se progressivamente desde as Canárias e o antigo Saara Espanhol até o golfo da Guiné, área onde se encontra a atual República da Guiné Equatorial. Um mapeamento geral desta situação poderia ser sintetizado a partir da seguinte estrutura, contemplando, por região analisada, o status que o idioma apresenta atualmente em sua condição de língua oficial, de língua da educação e de língua literária:

Zonas	Oficial	Ensino	Literatura
Colônias espanholas: Ceuta, Melilla e Canárias	X	X	X
Arábicas: 1. Saara Ocidental 2. Marrocos	X	X X	X X
Guiné Equatorial	X	X	X
Francófonas: Camarões, Costa do Marfim, Congo		X	X
Lusófonas: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe		X	

Ainda que convertidos à condição de comunidades autonômicas, o arquipélago das Canárias e os enclaves de Ceuta e Melilla, no litoral do Marrocos, permanecem sob domínio político e administrativo da monarquia espanhola. A exemplo do que ocorre nas outras duas áreas coloniais, o castelhano é a língua oficial e majoritária das Canárias. Estas ilhas se tornaram, no entanto, alvo de uma polêmica envolvendo o seu pertencimento continental: localizadas a apenas 100 km da costa ocidental africana e a 800 milhas do território espanhol, e mesmo que cerca de 75% de seus aproximadamente dois milhões de habitantes sejam de origem guanche, povo berbere trazido ao arquipélago pelos fenícios e cartagineses nos séculos VII e V antes de Cristo, a sua possível origem geológica na placa atlântica e não na placa africana fundamentaria o argumento dos defensores de uma “não africanidade” de seu território.

Prova cabal da procedência norte-africana de seus primeiros ocupantes estaria nos restos de escritura guanche encontrados em algumas zonas do arquipélago, idênticos a outros registrados na Líbia e na Argélia, bem como nos estudos comparativos realizados por lingüistas canários envolvendo o léxico berbere e o antigo idioma guanche. Vestígios deste idioma podem ser identificados através de sua incorporação pelo castelhano moderno corrente nas ilhas, providencialmente diluídos na forma do chamado *dialecto canario* ou dos *canarismos* da língua espanhola, mas sobreviventes na nomenclatura relacionada com animais e plantas, nos termos referentes à atividade pecuária e em grande quantidade de topônimos e antropônimos. Há que se registrar também, até por causa de contingências histórico-geográficas que possibilitaram tal influxo, o intercâmbio cultural e lingüístico verificado entre as Canárias e a ilha da Madeira, viabilizando tanto a interferência desse vocabulário guanche sobre o português madeirense como a penetração dos chamados lusismos no espanhol canário.

Contrária às interpretações nacionalistas pró-Espanha, destaca-se a postura autonômica do chamado *Movimiento por la Autodeterminación e Independencia del Archipiélago Canario* - MPAIAC, amparando-se inclusive na posição defendida pela

Organização da Unidade Africana - OUA, cujo comitê de libertação declararia, em reunião de julho de 1968, ou seja, em plena vigência das ditaduras de Francisco Franco na Espanha e de António Salazar em Portugal ser o arquipélago das Canárias parte integrante da África, devendo, por isto, ter reconhecido o seu direito à autodeterminação e à independência, como qualquer território africano ainda submetido à dominação colonial. Esta postura inclui, naturalmente, ações no sentido da preservação e da afirmação positiva da língua canária. Ao contrário do castelhano falado em Ceuta e em Melilla, cuja realização lingüística se aproxima mais da variedade andaluza e está mais permeável à norma peninsular, o espanhol canário apresenta traços característicos bastante diferenciados da língua estándar, com a presença do substrato guanche. Entre eles se destacam a aspiração do *s* em final de sílaba, a perda da consoante *d* intervocálica, a substituição de algumas formas do imperativo por outras do presente do indicativo ou a profusão de arcaísmos, de americanismos como *bemba*, *guagua* ou *papa*, de portuguesismos como *leito*, *liña*, *mágua*, e de *guanchismos* como *baifo* (cabrito), *gofio* (farinha de cereal tostado) ou *tagoror* (lugar de reunião), numa clara remissão ao léxico de línguas berberes semelhantes que circulam no norte da África.

Os quase oito séculos de presença árabe na Península Ibérica, a própria situação geográfica e a antiga condição de colônia e protetorado espanhol que por muito tempo caracterizaram suas relações com a Espanha, conferem ao Marrocos um papel de ponte natural entre a África e o continente europeu, ressaltando-se aí a considerável presença do castelhano como língua de comunicação em seu território, sua adoção como língua de ensino obrigatório em vários níveis e sua utilização por parte de alguns setores da área de comunicação. O castelhano circula oficialmente, como dissemos, nos enclaves espanhóis de Ceuta e Melilla, mas alguns setores marroquinos reclamam pela re-anexação desses territórios, bem como empreendem algumas ações independentistas organizadas. Em ambas as áreas o castelhano divide espaço com o idioma árabe, coexistindo igualmente como língua de ensino e de literatura. Algumas peculiaridades de sua realização marroquina incluem a ausência de /ñ/ e /rr/, a redução, por influência direta do árabe, do sistema vocálico a três vogais apenas ou, ainda, a regular eliminação do *s* em final de palavra (QUILIS, 1992).

Ocupante do território do antigo Saara Espanhol, difícil situação vive a população saaraui. Território cedido por acordo em fins de 1975 pelo governo espanhol ao Marrocos e à Mauritânia, passados três meses de sua auto-proclamada e até hoje não reconhecida independência política comandada pela *Frente Popular de Liberación de Saguía el Hamra y Río de Oro*, ou *Frente Polisario*, a República Árabe Democrática Saaraui foi invadida e ocupada militarmente pelo exército marroquino, passando a ser objeto de uma disputa política que envolve confrontos armados e negociações diplomáticas sem solução até os dias atuais. Localizado ao sul do Marrocos, de quem está fisicamente separado por enormes muros especialmente construídos para este fim, o Saara Ocidental também divide fronteiras com a Argélia e com a Mauritânia. O espanhol aparece ali na condição de língua co-oficial lado a lado com uma modalidade local do idioma árabe clássico. Nos acampamentos para refugiados saaraui montados em território argelino o idioma castelhano ganhou expressividade como língua de resistência cultural, não obstante a influência de arcaísmos da língua castelhana ou a assimilação do idioma árabe. Quanto à sua realização lingüística, o pesquisador John Lipski atesta que

el habla de los saharauis se caracteriza por una combinación de rasgos dialectales españoles y la interferencia de su lengua nativa. La /s/ final

de sílaba/palabra se suele aspirar o elidir, igual que en los dialectos españoles meridionales. Ya que el español es una lengua exclusivamente de transmisión oral para muchos saharauis, en algunos casos la ausencia de /s/ ha pasado a las representaciones léxicas correspondientes. Los saharauis menos proficientes tienden a reducir los cinco vocales del español a las tres oposiciones del árabe, dando lugar a neutralizaciones del tipo *misa-mesa*. Experimentan dificultades con el fonema /p/, y se dan algunas realizaciones oclusivas de /b/, /d/ y /g/ intervocálicas. En la dimensión gramatical el español saharauí comparte con otras variedades del español hablado como segunda lengua (por ejemplo de Guinea Ecuatorial) una concordancia sujeto-verbo y nombre-adjetivo inestable. A diferencia de los ecuatoguineanos, los saharauis mantienen la oposición *tú-usted* consistentemente, tanto los pronombres como las inflexiones verbales. De vez en cuando se eliminan los artículos definidos y una que otra preposición, pero en general el español saharauí se parece bastante a las pautas canarias y andaluzas.<sup>4</sup>

As referências feitas por John Lipski ao espanhol guinéu-equatoriano reportam-nos àquela que é a única comunidade negra hispano-falante independente em toda a África ao sul do deserto do Saara. Tendo o espanhol como primeira língua oficial, em realidade a República da Guiné Equatorial configura um intrincado mosaico lingüístico onde convivem diversos idiomas autóctones, a exemplo daqueles utilizados pelos povos bubí, combe, bisio e fang, todos eles grupos étnicos da família lingüística bantu, bem como o anobonês, ou *fa d'ambo*, crioulo de base portuguesa falado na ilha de Ano Bom, bastante assemelhado à língua forro de São Tomé e Príncipe. Ocorrem a ainda uma variante crioula do inglês, que se estende através da ilha de Bioko, e o francês, nas transações comerciais realizadas com países africanos oficialmente francófonos que partilham de comunidade financeira e monetária comum.

O uso das línguas vernáculas é, contudo, limitado à etnia correspondente, motivo pelo qual o castelhano, adotado pelo sistema educativo, se converteu no idioma mais falado em todo o território nacional e o principal recurso lingüístico de comunicação interétnica, o que reproduz também o velho conflito entre identidade cultural, nacionalidade e oficialidade lingüística. Por outro lado, num momento em que um dirigente africano como o general Teodoro Obiang, no comando da Guiné Equatorial desde 1979, sinaliza para a conveniência de adotar o português como língua oficial do país por interesses de caráter econômico, já tendo instituído a oficialidade do francês pelas mesmas razões, coloca-se em cheque a consistência do conceito de língua oficial no contexto dos países colonizados. De acordo com o comunicólogo e professor marfinense Mahomed Bamba (2007), o conceito de língua oficial mais parece implicar, nestes casos, uma questão geopolítica do que traduzir a realidade lingüística de países africanos cujas populações se comunicam diariamente nas inúmeras línguas vernáculas africanas e, ocasionalmente, com a língua herdada da colonização nos contextos em que lidam com a administração e sua burocracia. Este tema, conclui Bamba, continua a ser uma preocupação para muitos lingüistas interessados na convivência das línguas na África.

---

<sup>4</sup> LIPSKI, John M. *El español en el mundo: frutos del último siglo de contactos lingüísticos*. Disponível em: [www.personal.psu.edu/jml34/mundo.pdf](http://www.personal.psu.edu/jml34/mundo.pdf) Acessado em: 23 jul 2006.

Os primórdios da história colonial guinéu-equatoriana remetem-nos diretamente ao comando lusitano: descoberta pelos portugueses no primeiro dia de janeiro de 1471, a antiga ilha de Ano Bom constituiu patrimônio de Portugal na África durante cerca de três séculos, após o que foi cedida à Espanha em troca de terras situadas na América do Sul, as quais acabariam, posteriormente, anexadas ao Brasil para comporem parte de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Apesar da invisibilização e da quase nenhuma referência nos compêndios de literaturas, a Guiné Equatorial produz expressivas manifestações de prosa e de poesia em línguas vernáculas e na língua do colonizador. O escritor e crítico guinéu-equatoriano Donato Ndong-Bidyogo (2006) chama a atenção, inclusive, para o fato de que o universo literário em língua espanhola estaria começando a encontrar, especificamente na produção africana da Guiné Equatorial, a convergência para o terceiro vértice de um eixo que configura, na atualidade, a geografia lingüística de um idioma oficialmente partilhado por europeus, americanos e africanos, isto se não quisermos mencionar, acrescente-se aqui, a expressão asiática conformada na literatura filipina em espanhol, ou *literatura filhispánica*, sobretudo no momento em que o idioma se prepara para retornar à condição de língua oficial nas Filipinas, ao lado do tagalo, autóctone, e do inglês assimilado durante o longo período de dominação estadunidense.

Em estudo dedicado à realização nacional do idioma castellano, a escritora e lingüista guinéu-equatoriana Trinidad Morgades Besari coloca a questão nos seguintes termos:

decir que hay un español característico de Guinea Ecuatorial no es adoptar una postura peyorativa, y tampoco significa que la lengua española propia de Guinea Ecuatorial sea inferior al español que se habla en otros países de habla hispana; lo cierto es que, en cada uno de los países en que se habla la lengua española, el español presenta unas características peculiares en lo que se refiere a la fonología y al léxico.  
5

É consensual na maioria desses estudos que as línguas bantas faladas na Guiné Equatorial influenciam, sobremaneira, a realização local do castellano. Características destes idiomas, tais como a nasalização, a ocorrência de vogais abertas e fechadas, estranhas à norma peninsular e à da maioria dos países hispano-falantes fazem-se notar no espanhol local, tornando-o um território particularmente fértil para a investigação lingüística. Entre os vários exemplos reveladores dessas particularidades destacam-se, ainda, a eventual alveolarização das consoantes dentais *t* e *d*, a não distinção fonológica entre *r* simples e *r* vibrante, os lapsos freqüentes de concordância ou o uso da preposição *en* com verbos de movimento.

Além do que já foi referido em relação aos países arábicos da África onde o francês teve penetração, o mapa lingüístico do espanhol no continente não pode deixar de registrar a existência de autores originários de outras áreas lingüísticas, sobretudo as oficialmente francófonas Costa de Marfim, Congo e Camarões, onde a língua espanhola também circula, de forma significativa, como idioma opcional no sistema educativo. Escritores e escritoras desses países elegeram o castelhano como veículo de expressão literária por razões que, não poucas vezes, incluem o desenvolvimento de atividades

---

<sup>5</sup> BESARI, Trinidad Morgades. *El español en Guinea*. Disponível em: [http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/rosario/ponencias/aspectos/morgades\\_t.htm](http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/rosario/ponencias/aspectos/morgades_t.htm) Acessado em: 27 jan 2006.

profissionais relacionadas com o idioma em seus respectivos lugares de origem, ou mesmo como uma estratégia motivada pela real condição de exilados políticos na Espanha. De acordo com o professor Frigidiano Álvaro Durántez Prados (2004), na Costa do Marfim, por exemplo, o espanhol está presente tanto no sistema educativo privado como no público, havendo ainda a oferta de formação na língua em nível superior. Esta situação se repete em outras áreas, como é o caso do Senegal ou dos Camarões.

Nos países de língua oficial portuguesa essa presença lingüística do castellano pode ser igualmente avaliada. Em Angola, pese à tímida presença formal do idioma, destaca-se a influência que a cultura hispânica promoveu no país a partir da ajuda militar e política cubana durante a chamada Guerra Fria entre os países comunistas e os países capitalistas:

Miles de cuadros superiores africanos, especialmente de los “PALOP” (Países Africanos de Lengua Oficial Portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guinea Bissau, Mozambique y Santo Tomé y Príncipe), fueron y aún hoy son formados en los centros y universidades cubanos. Resulta frecuente que en los gobiernos y administraciones de esas repúblicas sus miembros hablen español con soltura y con acento cubano.

El caso angoleño es el más significativo por causa de la masiva presencia militar, educativa y sanitaria de Cuba durante la guerra civil que asoló el país africano tras su independencia de Portugal. En el plano educativo cabe destacar el relevante hecho de que, gracias a la recíproca comprensibilidad que en líneas generales se verifica entre los idiomas español y portugués, las enseñanzas universitaria y secundaria fueran en bastantes ocasiones impartidas directamente en español, por profesores cubanos. Se mencionan casos incluso de directa alfabetización en español por parte de maestros de esa nacionalidad en algunas regiones remotas del país.

Un dato interesante lo constituye la evidente pero a veces desapercibida empatía sentida en muchos países africanos con América Latina y su cultura. Existe, como muestra de ese sentimiento de cercanía y afinidad cultural, un movimiento llamado “Africando” de músicos africanos que practican en español géneros musicales característicos de la América hispana.<sup>6</sup>

Vimos que, além do uso lingüístico oficial e literário, a África hispano-falante encontra na atividade musical uma significativa vertente de difusão. Essa empatia a que se refere Durántez Prados e as afinidades históricas, identitárias e culturais existentes entre os países africanos falantes de espanhol e de português com a cultura dos países latino-americanos resultaram numa expressiva movimentação de artistas africanos também iberófonos que divulgam, a partir da Espanha e de Portugal, seus discos e vídeos musicais, contribuindo dessa maneira para um trânsito artístico e lingüístico em mão dupla com a África e com o mundo. Veiculado através da produção musical ou literária, na sala de aula ou na rua, na mídia impressa, audiovisual ou virtual, em cada um desses territórios nos quais se faz presente como língua de comunicação, o

<sup>6</sup> PRADOS, Frigidiano Álvaro Durántez. *El idioma español en África subsahariana: aproximación y propuestas*. Disponível em: <http://www.realinstitutoelcano.org/analisis/580.asp>. Acessado em: 25 mar 2007.

castelhano apresenta características que de certa forma o distanciam da realidade normativa peninsular e evidenciam um conjunto de novas possibilidades que sinalizam a necessidade de aprofundamento investigativo.

A África falante de espanhol está longe de configurar, contudo, um conjunto homogêneo de experiências lingüísticas e literárias. Convivendo e interagindo com elementos tão ímpares como as culturas arábicas e berberes, a herança cultural dos povos bantos e o legado ibérico resultante da experiência colonial, essa África de língua castelhana reproduz, através de sua peculiar diversidade de expressões, o universo ainda mais amplo e complexo que caracteriza as múltiplas realidades do continente desde as etapas anteriores à colonização européia até os tempos atuais. Peculiaridades fonéticas, lexicais e morfossintáticas distinguem a realização do idioma em seus diferentes pontos de ocorrência, do arquipélago das Canárias à República da Guiné Equatorial, abrindo assim um vasto campo de pesquisa que, esperamos, não permaneça relegado ao esquecimento ou condenado à obscuridade no crescente debate em que se envolvem os estudos hispânicos no Brasil.

#### REFERENCIAS:

- ALMEIDA, Manuel; ALAYÓN, Carmen Díaz. *El español de Canarias*. Santa Cruz de Tenerife, 1988.
- BAMBA, Mohamed. Re: Obiang. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por amarinoqueiroz@yahoo.com.br em 25 setembro 2007.
- BESARI, Trinidad Morgades. *El español en Guinea*. Disponível em: [http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/rosario/ponencias/aspectos/morgades\\_t.htm](http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/rosario/ponencias/aspectos/morgades_t.htm). Acesado em: 27 jan 2006.
- BESARI, Trinidad Morgades. Guinea Ecuatorial y la hispanidad. In: *África 2000*, año II, época II, número 1, 1987, pp. 39-41.
- CORDIVIOLA, Alfredo. *Um mundo singular*. Imaginação, memória e conflito na literatura hispano-americana do século XVI. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras / UFPE, 2005.
- LIPSKI, John M. *El español en el mundo: frutos del ultimo siglo de contactos lingüísticos*. Disponível em: [www.personal.psu.edu/jml34/mundo.pdf](http://www.personal.psu.edu/jml34/mundo.pdf). Acessado em: 23 jul 2006.
- LORENZO, Antonio; MORERA, Marcial e ORTEGA, Gonzalo. *Diccionario de canarismos*. Santa Cruz de Tenerife, 1996.
- NDONGO-BIDYOGO, Donato. *Literatura guineana: una realidad emergente*. Conferencia en Hofstra University. 3 de abril, 2006. Disponível em: [http://www.hofstra.edu/PDF/lacs\\_event\\_040306.pdf](http://www.hofstra.edu/PDF/lacs_event_040306.pdf). Acesso em: 5 mai 2006
- PRADOS, Frigidiano Álvaro Durántez. *El idioma español en África subsahariana: aproximación y propuestas*. 28/9/2004. Disponível em: <http://www.realinstitutoelcano.org/analisis/580.asp> Acessado em: 25 mar 2007.
- QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *O idioma castelhano no continente africano: algumas considerações preliminares*. Anais do II Seminário de Estudos Filológicos – SEF – Filologia e História: múltiplas possibilidades de estudo. Salvador: Quarteto, 2007, pp. 103-112.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *As inscricuras do verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana*. Recife: UFPE/PGLetras, 1997. Tese de doutorado.

QUILIS, Antonio. *La lengua española en cuatro mundos*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992.

REVISTA ARIADNA. Número especial: *Cultura y literatura saharaii*. Disponible em: [www.ariadna-rc.com/numero25/sahara/](http://www.ariadna-rc.com/numero25/sahara/). Acesso en 3 abr 2007.